



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 503 — Preço 1\$00
22 DE JUNHO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Santo Padre

Quando este jornal vir a luz, terá, talvez, já sido eleito novo Pontífice.

É a perenidade da Igreja tornada visível numa monarquia electiva em que a Autoridade não é palavra vã, sem os riscos de um personalismo esterilizador, que a História mostra ser pecha corrente nas sociedades civis, que pretendem organizar-se ordeira e duradouramente.

Morreu um Papa — e parece-nos difícil haver quem, à altura de o substituir. Assim aconteceu com os três cujo desaparecimento testemunhei. Mas logo o sucessor surge, com uma faceta nova que, sem apagar nem se sobrepor ao brilho do que o antecedeu, atrai os homens e docemente se lhes impõe.

Foi assim a virilidade enérgica e consumida de Pio XI; a sabedoria omnímota oferecida de braços abertos por Pio XII; a bondade paternalmente inquieta pela unidade dos filhos de João XXIII.

O Papa morreu; a Igreja continua.

Quando este jornal sair terá, talvez, já sido eleito o novo Papa... Seja quem fôr; seja qual fôr a faceta que nele predominantemente brilhe — os homens de boa vontade poderão perceber nele e receber por ele a presença e os dons do Espírito Santo, que — está escrito — permanecerá connosco até ao fim dos tempos.

ÁFRICA

Chegaram há dias mais três angolanos: um branco e dois de côr. São pequenitos, todos de oito anos. Um deles bastante maroto; outro muito esperto e vivo; outro muito meigo.

No dia seguinte veio o «Vintém», que regula pela mesma idade, desabafar comigo, de olhos irradiantes:

— Que lindos que estes são!

Eu não sei se esta confiança admirativa era uma simples afirmação, se implicava comparação com os três irmãos Gingas, que «de S. Paulo de Luanda trouxemos para cá», como eles cantaram nas nossas Festas. A verdade é que estes são igualmente muito simpáticos. Só lhes falta a graça que dá o ser pequenino. Por isso o «Vintém» nunca teria reparado neles como nos de agora, para

sentir necessidade de compartilhar comigo aquele «que lindos que estes são»!

E eu fiquei-me a pensar em integração..., em desintegração... — palavras tão em moda no que respeita às pessoas e à matéria.

Que conceito farão os homens destas duas palavras?! Nas sombras orgulhosas da Torre de Babel, não será que os homens se desintegram cada vez mais da fraternidade querida por Deus?; e as grandes integrações não serão justamente acerca e por causa da matéria, integrações de homens contra homens?

Não sei de protótipo mais simples de caldo de cultura para uma autêntica integração dos homens, do que a Família.

Que importa, no seio de uma Família, que este tenha a pele mais tostada, o outro mais pálida ou amarelada, o outro avermelhada?; que um seja loiro, o outro moreno? — que importa?!

Os laços de uma mesma filiação; a posse em comum dos bens necessários à vida de todos; a partilha por todos do esforço em ordem à consecução do bem comum — tudo isso apaga as desarmonias e aviva os traços da complementaridade que dá ao todo a perfeição e a autonomia que não existe em cada uma das partes.

Os brancos nem sempre olharam nem olham para os negros como irmãos (Basta abrir os jornais e vermos o que se passa na hiper-civilizada América do Norte.)

Os negros estão fazendo o mesmo. (Basta ver as tendências que esboçam cada dia mais claramente, mais organizadamente, as novas nações africanas.)

E afinal, todos não chegam, não chegarão por muitos séculos, talvez séculos, para extrair do solo e sub-solo africano tanta riqueza que o Criador ali guardou!

Que conceito farão os homens de integração, de desintegração? Na confusão orgu-

hosa da Torre de Babel, mais parece que justamente os invertem depois de os terem embebido de preconceitos políticos.

Que lição profunda de pureza, de autenticidade nos dá o pequenino «Vintém» com o seu gosto pelos seus irmãos africanos — tamanho gosto que ele não se teve sem reparar comigo, de olhos irradiantes, um saboroso desabafo: «Que lindos que estes são!»

BARREDO

«Dê-se ao rapaz a santa e doce tarefa (de visitar os Pobres) por amor de Deus; é aqui que reside os alicerces seguros de uma obra cristã».

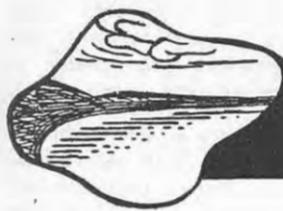
São estas, mais ou menos, as palavras de Pai Américo. É aqui que reside a força da nossa Obra. Eu creio que assim é. Todo o rapaz que visita os seus irmãos por amor do Senhor, não é preciso ter medo dEle. «Deus se encarregará de o levantar das suas quedas». Quanta força nos vem depois de uma visita consciente! Quanta! Todos nós, filhos da Obra, seríamos melhores filhos de Deus, se tivéssemos bem presente este desejo de Pai Américo.

Como quase sempre, fui ao domingo. Estes actos ficam melhor neste dia. Os outros dias são mais para se dedicarem ao trabalho. E este, com o acto de visitar os nossos irmãos necessitados, é também um grande meio no caminho da salvação.

Era dia de Jornal. Daí a visita ser mais rápida. A hora aproximava-se e os vendedores estavam já no Lar para dar contas da sua labuta.

Mais de uma dezena de pacotes de roupa estavam a um

Continua na QUARTA página



SETUBAL

O Barreiro tem-se aberto muito aos problemas da Obra e recebido luz em abundancia.

Ali, vive-se realmente uma ânsia de Justiça Social. É sensível a sede de uma doutrina capaz de levar os homens a interessarem-se pelos problemas dos outros. Sobretudo pelas necessidades materiais, morais e educacionais dos desprotegidos.

Por isso a Casa do Gaiato anda de boca em boca, sempre acarinhada por quantos dela falam; é assunto de discussão e argumento apoloético de vitalidade cristã.

Os responsáveis pela formação da juventude no Barreiro procuram dar-lhe uma visão exacta e ambiental do viver humano à sua volta.

Não podemos hoje descurar na educação da mocidade o conhecimento de tantas situações infelizes e por si só irremediavelmente desgraçadas se ninguém lhes der a mão.

Por isso, realçamos aqui o gesto do corpo docente da Escola Industrial e Comercial Alfredo

da Silva, do Barreiro, que pôs como programa de estudo durante o ano «A Obra do Padre Américo», levando os alunos a angariar donativos, a desprenderem-se de objectos pessoais, a virem, numa viagem de estudo, analisar «in-loco» a Casa do Gaiato, tal como ela é.

Por duas vezes, cinco duma e doze doutra, vieram autocarros com professores e alunos, cheios de interesse e curiosidade, a examinarem a vida do rapaz

da rua aqui dentro, a conhecerem quem eles são e donde vieram, e o que seriam se lhes faltasse o apoio de todos nós.

Foi uma lição viva e inesquecível que lhes marcará o ideal duma juventude generosa.

Trouxeram-nos, dinheiro, doçarias, brinquedos, trabalhos artísticos, livros e revistas, roupas e calçado usado, tudo fruto duma campanha organizada por mestres e professores. Beijos e abraços que receberam os mais pequeninos, Daniel, o Nautilio o Ramiro, o Xico e o Bêbé, confirmaram que a lição agradou e entrou em cheio na personalidade de moça dos estudantes barreirenses.

Pe. Acílio

Visado pela
Comissão de Censura

Do que nós necessitamos

O informador habitual desta coluna falta hoje, mas tal não se deu com os nossos Amigos. Eles são habituais! Ai vão:

De dois muito amigos 75\$. Lourenço Marques e Luanda vêem de mãos dadas entregar 350\$ e 200\$, respectivamente.

Uma avó que parece gostar muito de juntar migalhas manda 10\$ «para juntar às outras». A netinha põe-se-lhe em paralelo e manda também 10\$. Isto é que são fermentos!

E agora 100\$ com um cartãozinho que obrigou M. Pinto a decorá-lo, resultado da frequente presença. Ele não se interessa de decorar mais, estou certo. Anónimo com outro cartão que confia e entrega na Ideal Rádio 100\$. Todos os carreiros acabam no mesmo. Cá chegam sempre.

Outra amiga de Bonfim 20\$. Os 100\$ do costume «Para a viúva da Nota da Quinzena» e outro tanto «para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». Assina só «António».

Roupas do assin. n.º 31604. Um outro embrulho, com letra do mesmo, traz mais roupas. 50\$ d'assinante 6443, pedindo por alma dum querido. Deus o tenha a Seu lado!

Um jovem que teve sucesso no emprego tira 1250\$ do ordenado e manda. De «uma fiel leitora do Famoso», 150\$ correspondente ao aumento de salário; vinte acompanhados de carta negra. Descanse no Céu o seu pai Alfredo!

Casos difíceis postos em foco no Gaiato e apareceram logo 500\$00 de Lisboa. Mais não sei quanto de Emília da Silva. De novo o assin. 31604, com mais roupas. Roupas fresquinhas do tórrido Moçambique vêm cá fazer bom ajuste neste tempo.

Bacalhau, um fardo dele da Comissão Reguladora do Comércio do mesmo. O Mello na dispensa mostrou-mo. Só de vê-lo é uma categoria!

Como sempre a Avó de Moscovide cá está. Não olha a maneira de mandar e ela pede desculpa da apressada papelada. Não faltam perdões para tais desculpas. Querem experimentar?

Lourenço Marques de novo e... roupas a chover!

Um anónimo, 20\$; 50 «que já lá deviam estar há muito tempo» — tal é a inquietude! Mais 50 de Maria José Cor-

reia. Foram entregues, sim senhor! Idem de uma amargurada e o mesmo dos «Irmãos Unidos». Eis uma prova de que quando há união a Caridade salta.

Do Porto cem, mais cem e 50\$ por intermédio d'«O Comércio do Porto». Mil do assinante n.º 31389; dum que assistiu às festas no Coliseu e procurou capas na segunda, envia 50\$ em carta. Ó simpatia de carta! Idem de alguém pela passagem de aniversário da Mãe. Sinceramente esperamos multiplicações desta data. O mesmo por intermédio do Espelho da Moda e continua Porto com 5 kg de café.

De Vila Real 40\$, recomendando-se às nossas orações. Sempre pedimos a Deus por todos os benfeitores. Que Ele a ilumine no caminho a encetar. Mais recomendações e 500\$, de outrem.

Uma mãe de Silva Porto, pelo feliz nascimento dum filho tão desejado, mil. Outra vez o cartãozinho cheio de amor e 50\$. Eu também já decorei...

De anónimo 70\$. Do Porto o pessoal da MOBIL PORTUGUESA deposita por nós 102\$; de Loriga roupas, fazendas de não sei donde e mais roupas de Vila Nova de Gaia.

Entregues no Espelho da Moda em acção de graças — 500\$; uma Filomena manda cem e desejos de mais; 200\$ retalhados para que todos tenham.

Outra vez a Avó de Moscovide e 50\$; de Lisboa chegam-nos meios e calçado. Tudo muito jeitoso. Anónimo do Porto 200\$. E mais roupa jeitosa, desta vez camisolas de Aveiro.

O pessoal da Fábrica de Jacinto envia a sua mensagem de boa Páscoa e 500\$; uma operária da mesma firma entrega 140\$; mais 17\$50 dum filho doutra e 20 operários com igual quantia cada, fazem a linda soma de 100\$. Tudo da Tecelagem de Jacinto!

Por vale do correio a snr.ª D. Maria Guiomar mandou 60\$00, em agradecimento dum graça recebida; do assinante n.º 13959 recebemos 500\$; mais um assinante de Rio Tinto vem com 100\$00 para o que nos fôr mais necessário; de Manuel Teixeira a sua quota mensal de 20\$00 e com votos de mais. De pessoa muito amiga da Rua da Junqueira, Vilar do Paraíso, chegaram 20\$, dum

graça concedida a seu esposo. Dum «pecador» vieram 100\$00 dum aumento de ordenado; Alguém de Viana do Castelo que nos quer muito envia 100\$; são mais 50\$00 vindos da R. Ferreira Durão, Lisboa, outro tanto de Maria Margarida e ainda quantidade igual da assinante n.º 8993 para aliviar o sofrimento dum nossa doente. Duma anónima 50\$00, de EDM vem outro tanto; E. T. envia «uma migalhinha» para os nossos Pobres do Barredo. Um assinante que leu e comungou a Nota da Quinzena de 13 de Abril, mandou 100\$, para o citado casal.

Orlando — Jaime



Poucos terão amado tanto o Papa! É que «Ele sofre com a gente», — diziam os doentes do Calvário. O sofrimento nivela. Estabelece união. E gera o amor. João XXIII sofreu, mas soube sofrer. E deste modo levou outros a amar o sofrimento que Deus manda. Mais: a oferta que o Papa fez no leito pela Humanidade, faminta de bens de toda a espécie, mostrou como a dor, aceite e ofertada ao Senhor, é valor em prol do nosso próximo. Em todo o transe o Homem, com os olhos postos no Senhor, pode valorizar o seu curso terreno. O Papa ensinou a viver, a sofrer e até a morrer. Como os nossos doentes amaram o Papa! Como tantos deles amam agora mais o seu sofrer! A vida é escola. O sofrimento cartilha que se lê a custo.

No Calvário muitos visitantes vêm encontrar realidades que o mundo não ensina e que tantas vezes, dissipa e até desvirtua! São prova bem clara do encontro que tantos realizam, as cartas que nos chegam.

«Mais vale tarde que nunca. Nunca poderei escrever quanto me chocam as notícias dos vossos doentes. Se tivesse dúvida da existência de Deus bastaria o Calvário para as dissipar. Apesar disso e do muito que lhe quero, só hoje marco presença enviando mil escudos. Se eu quisesse justificar-me não teria razões para o fazer».

Uns encontram a Deus nos doentes; outros vêm neles os

Cantinho dos Padres da Rua

Deus é grande, ainda nas mais pequenas coisas. Estivéssemos nós atentos ao Seu agir, que a todo o transe o constatávamos.

Foi hoje pela manhã. Aguardava-me no largo da capela. Trazia ao colo o filho de escassos meses. Carregava doença, fome, amargura e esperança. Gemeu enquanto a pude ouvir. História de Pobres! Qual de nós as não tem escutado! A primeira reacção foi remetê-la sem mais à paróquia respectiva. Hesitei na esmola, porque muitos nos têm vindo comer. Hesitei, pois. Mas olhei bem os andrajos mais o resto e vi que falavam verdade. Dei-lhe, pois, ajuda para o pão daquele dia, e prometi visitá-la para melhor me inteirar do seu viver.

Pela tardinha chegaram alunas do Liceu Rainha Santa. Vêm ver, e querem dar. E dar renúncias que somadas (cinco contos) perfazem justamente os cem por um do Mestre! Tinha hesitado. Não voltarei a fazê-lo, que o Senhor é grande, ainda nas mais pequenas coisas do Seu agir.

Padre Baptista

Quantos não têm sentido apelo forte à renúncia, à generosidade, às mais sublimes virtudes crissãs, que o mundo não entende, mas que o Pai Celeste contempla, pois Ele lê no íntimo de cada um, a grandeza da alma que ama o próximo com esquecimento de si mesmo, com desprezo de si mesmo.

«Tendo lido no Gaiato o que se passou consigo, ao solicitar ajuda para apetrechar o posto de assistência. Senti-me inquieta com 2.000\$00 que tinha guardados, produto de pequenas sobras de vários meses. Não é, na verdade, na minha gaveta que eles estão bem, mas, postos a render. Aqui vão. A que deseja chamar-se sempre Helena».

São ricos e são pobres. «Envio cem escudos para o que entenderem. Sou Pobre, tenho família bem necessitada, mas com minhas fracas forças todos os anos mando esta quantia».

São adultos e são jovens. O Liceu Rainha Santa esteve aqui com suas alunas. Deixaram mimos e oferta colectiva de 5.000\$. E mais: a promessa de tornarem. O amor é o apelo mais forte que o Homem sente sobre a Terra. Felizes os que sabem amar. E ditosos os que ensinam a amar. Esta vinda é obra das professoras.

É, na verdade, um encontro com o próximo a romaria dos que se acercam destes doentes. «Para a obra do Calvário — 5.500\$00».

É um rapaz de Linda a Velha que comparece amiudadas vezes, e em todas discreto, para que o mundo não dê fé. Anónima não sabemos donde, manda 5.000\$ «por alma do marido». Elvira de Amarante, com 500\$00 «para minorar os sofrimentos dos doentes». Mãe de sete filhos é mensal com a sua renúncia.

— E então os filhos?

— O Senhor não falta. Nós é que faltamos à confiança n'Ele!

Padre Baptista

«O Gaiato»



De prazer, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

OBRAS — Está-se a construir, junto ao velho barraco do cascalho, um edifício, o qual terá três divisões. Numa delas será a garagem, agora definitiva, para o tractor. Noutra será construído o novo barraco que passará a proporcionar melhor trabalho aos pequenos da lenha que partem pedra e, de Inverno, ficavam molhados devido ao barraco ser de madeira. E a outra será um compartimento para depósito de madeiras.

Procede-se também, aos arranjos da casa I, a dos mais velhos. Não tem estado lá ninguém a não ser *Sejaquim*, o nosso pianista. Ao edifício, porque já há bastante tempo não era caído nem tratado no seu interior, anda a ser-lhe ministrada uma limpeza e arranjo total.

TUDO FLORIDO — Fernando Dias e seus pequenos ajudantes têm dedicado grande parte do seu trabalho ao embelezamento dos jardins, ribanceiras e canteiros da nossa aldeia. Ele percebe em cheio do assunto. Não há muito que está a tratar de jardinagem e já todas as avenidas, caminhos e ruas estão ornamentadas com arbustos e flores. Todos os cantos que rodeiam as casas foram aproveitados para esse fim e a todos os chefes das mesmas casas foi confiado o tratamento diário dos seus canteiros. Todos temos muito gosto pela nossa casa; por isso acompanhamos o Fernando para tornarmos a nossa Aldeia um belo paraíso para os visitantes. É tão forte a iniciativa, que até os campos seguem o passo das jardinagens, isto é, no aproveitamento total das terras de cultura.

DIA INESQUECÍVEL — Foi no passado domingo, 2 de Junho, que os filhos de dois dos nossos já casados, Avelino e Manuel Pinto, fizeram sua Primeira Comunhão. Foi uma alegria sã e brilhante que encheu os corações destes pequeninos netos da Obra da Rua, quando pela primeira vez tomaram o Pão da Vida. Eram eles a Maria Filomena (filha do Manuel Pinto) e a Aninhas mai-lo Avelino (filhos do Avelino). Estes coraçõezinhos, frutos da Obra, são já muito conhecidos por nós e também pelos leitores do «Famoso».

Para eles, uma nota de simpatia de todos os rapazes e grandes desejos de que o Senhor habite sempre em seus corações.

FUTEBOL — Dia cinco do mês passado, um grupo formado, exclu-

sivamente, por irmãos nossos que já se lançaram na vida, disputou um desafio com as primeiras do Grupo Desportivo.

A sua chegada, foram recebidos com abraços, cheios de recordações da Casa paterna e dos seus irmãos.

O jogo teve início por volta das dez horas da manhã. Devido à categoria técnica dos nossos jogadores, a qual está bem vincada em jogos disputados entre grupos regionais, no final da partida fomos vencedores por 11 golos contra três deles, marcados também com jogo perfeito e muita categoria. Sempre em jogo, houve de parte a parte sorrisos e ânimo nos disputadores do encontro.

Chegou, por fim, a hora da partida deles e nós mais uma vez nos abraçamos, cheios de alegria, desejando-lhes muitas felicidades na vida.

PEDIDO — Não venho insistir, mas sim relembrar. Uma máquina de somar! Estamos cheinhos de serviço nos escritórios da Tipografia e Jornal (ainda bem!), as contas correntes têm quilómetros de parcelas para somar, e elas cada vez aumentam mais! A respectiva máquina, quando? Agora, depois, quando, não sei; mas ela virá, queremos estar certos disso.

Aqueles leitores que primeiro tomarem a iniciativa haviam de se unir e juntar as suas quotas numa caixa e depois, no-las enviarem com destino a uma somadora automática para os escritórios da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Os trabalhos não páram; vós, em todos os sentidos de caridade, também não deveis parar. Que Deus nos oiça para que vós nos possais ouvir melhor.

Orlando da Rocha Ferreira

SETUBAL

BÉBÉ — É o sorriso e a alegria da nossa casa. Todos o querem nos seus braços, todos o amam, numa fraternidade bem sedenta do amor que Deus nos dá.

Ontem, passei na rouparia, e que quadro belo o que vi! Bébé no chão, sentado num tapete; à volta um conjunto dos nossos Batabas, brincavam com ele. As Senhoras tinham saído; os maiores, como era domingo, foram pró campo de jogos, prórsinhos, e tomar banho. O que seria que prendeu ali estes pequenitos ainda inocentes? É o amor cândido do nosso Bébé, que atrai pequeninos e grandes.

Se todos vissemos e quisésemos

saborear desta Beleza, não havia mães a matar os próprios filhos, nem pais a esconderem-se de os perfilhar.

VACARIA, e Vaqueiros — Nós temos uma vacaria que é um luxo. Temos a Escola de Vaqueiros. Duas vezes na semana, há lições dadas por um Senhor Dr. dos Produtos Pecuários. A intenção é promettedora.

Nós precisamos de dar ao rapaz, algo com que ele faça face à vida difícil que hoje é. A agricultura, a vida rural, é fonte de riqueza, mas nós temos visto como o trabalhador rural é inferiorizado nos seus direitos «humanos». Por isso, nós vimos e temos seguido com regozijo as andanças e o progresso da nossa vacaria, e dos Vaqueiros. Assim eles tenham vontade, e vejam o futuro. Olhai que hoje vale quem tem qualidades de trabalho, sabedoria da missão que exerce. Atenção vaqueiros; aproveitai as lições que vos são dadas, e olhai que amanhã, quando homens, vales tanto como o que hoje vos esforçais por aprender.

FUTEBOL — Temos feito alguns jogos, depois dum grande interregno, por via das obras do nosso campo de jogos, que foi matéria de muito esforço de alguns dos nossos, e que causou muitos suores ao Sr. P. e Acílio. Está tudo ensaiado, e do areal que era, temos um campo que faz beicinho aos irmãos das outras casas.

Jogámos com o Grupo Desportivo dos Pescadores, e ganhámos fora por 2-1, e perdemos em nossa Casa por 3-1. Fomos à Quinta do Anjo, e perdemos por 4-2. Jogámos em casa com «Os Semi-Homens», e ganhámos por 7-3. Parabéns aos grupos com quem temos jogado.

«TAGIRA» é um rapaz de 18 anos. Ele era muito trabalhador, e capaz de tomar uma responsabilidade. Arranjaram-lhe um lugar em Setúbal para ajudante de padeiro. Altas horas da noite lá vai ele de bicicleta para o trabalho. Ao sábado, traz a sua féria, suor do seu rosto. Nós esperamos e acreditamos que o nosso «Tagira», dê conta de si, para que outros empregos nos recebam.

ERNESTO PINTO

BELEM

As galinhas — Também cá, temos galinhas. Uma andava choca e a nossa Mãe, como queria uma ninhada de pintos, deitou-lhe ovos. Ela não queria estar no choco e fugia de lá. A nossa Mãe teve que lhe pôr um cesto por cima, mas ela fugia na mesma. E andava sempre a mudar os ovos dum lado para o outro, até que eles arrefeceram e tivemos que a tirar do choco.

Se alguém que tivesse uma choca-deira nos oferecesse uns pintainhos de boa raça nós agradeceríamos muito, porque só temos três galinhas. Ou então emprestem-nos uma galinha choca, porque as nossas não vão nisso. Gostam mais de pôr ovos.

O Leão e o Farrusco — Nós quando viemos para cá trouxemos o Leão de que já se falou no jornal.

Quando chegámos estava cá outro cão, que os donos da quinta cá deixaram. Mas nós tínhamos medo dele, porque é muito grande e não nos conhecia. Podia-nos morder.

Pusemos o Leão debaixo da varanda, porque o Farrusco estava na casota dele que é do lado da cozinha.

Um dia a nossa Mãe soltou o Leão. Ele, todo contente, foi para ao pé do Farrusco, desafiá-lo.

O Farrusco, desesperou-se; reben-

tou a argola da coleira, saltou para cima do Leão, que gemia e metia dó.

Mas a Maria de Fátima, que estava na cozinha, quando viu o Farrusco em cima do Leão, pegou no cabo da vassoura e zás, começou a bater no Farrusco até que ele o deixou.

As pancadas fizeram-lhe bem, porque daí a um bocadinho veio até à cozinha dar a pata, para fazer as pases conosco. Daí por diante nunca mais tivemos medo dele.

Bordados — Peço desculpa às pessoas que têm estado à espera. Eles ainda não foram, porque nós temos tido muito que fazer mas agora já temos alguns prontos.

Como esta casa é maior temos que a arrumar e alindar. Andamos a fazer toalhas para as mesas e outras coisas precisas.

Eu não tenho escrito pró jornal porque desde que mudámos tenho estado na cozinha e tenho outras coisas em que pensar e esqueço-me de escrever.

Uma telefonía — já tivemos na outra casa uma muito velha, mas um dia foi reparar e nunca mais voltou. Aqui faz-nos muita falta, porque estamos isoladas. Nem temos por onde acertar os relógios, nem sabemos o que vai lá por fora. Então a nossa Mãe diz que lhe faz muita falta, por causa do boletim meteorológico, para destinar os trabalhos do campo e sobretudo por causa da cura das viadeiras.

Os Senhores vejam lá se fazem chegar a nossa vez, porque parecemos que todas as Casas do Gaiato já têm rádios.

Uma visita — As meninas do Colégio de Nossa Senhora da Conceição vieram cá com a Mãe.

Foi num dia de semana e as meninas estavam na escola, mas saíram pouco depois. Andámos a falar e a brincar com elas.

Tocaram acordeon, cantaram e recitaram versos.

Também nos deram sacos com laranjas, amêndoas, roupa, brinquedos, etc. Também deram um lindo boneco ao Pintainho.

Não estiveram cá muito tempo, porque tinham aulas. Tiveram pena em não verem a casa, mas disseram que qualquer dia voltam cá.

Todas nós gostámos muito desta visita. À outra casa foram mais que uma vez e nós nunca lhe pagámos a visita. Temos de lá ir qualquer dia.

As roseiras — Temos cá muitas e bonitas. Na varanda há umas poucas. As belenitas mais pequenas, que iam para lá brincar, punham-se a arrancar folhas e pétalas de rosa e a roçá-las. Quem deu o exemplo foi a Edite, que não perde o mau costume de roer tudo o que encontra.

Quando a nossa Mãe viu as roseiras todas depenicadas ficou cheia de pena e proibiu-as de voltarem para a varanda, enquanto não nascessem outras folhas.

Parecendo que não, foi um grande castigo, porque elas gostavam muito de ir para lá.

FATIMA

A nova impressora automática devora trabalho!

Se deseja mandar executar serviços tipográficos aproveite a

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

«O Gaiato»
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES — Foi na última reunião; um nadinha mais viva que muitas delas. Puxa um, puxa outro — puxámos todos! Porquê? Por via do estado precário de alguns dos nossos Pobres.

O Melo foi o mais refilão — não há dívida! (Ele é coadjutor da Sra. D. Soja na direcção da zona mais neurálgica da Casa Mãe — a cozinha...) Campanera afinou pelo mote e a assembleia fez coro uníssono. As tantas, lembrou-se a nossa pobreza. Abãs, tradicional. Muita falta de cabedais!... Levanta-se, então, um dueto da primeira linha estranhando o silêncio desta coluna. Réplica imediata: — a crónica mais sacrificada (pela abundancia feliz de cronistas no Famoso) é a nossa...! Gerou-se um hino em prol da crónica. Entusiástico; vicentino! Graças a Deus. E ficou assente explorar, continuamente e eficazmente, todas as oportunidades. Nada, pois, como a gente tentar. É o que vamos fazer, pra mor de repararmos o problema angustioso de muitos dos nossos irmãos Pobres: é o Sr. Tito doente e cheio de fraqueza...; é o Sr. Mota aflito com a renda de casa...; é a velhinha de Cadeade com despesas extraordinárias e a caldo sem adubo...; é o Sr. Bessa sobrecarregado, heróicamente, com uma Pobre parolítica — estranha à sua família!... Um corolário que, a ser descrito e contado em pormenor, renderia muito, muito!

O QUE RECEBEMOS — Nada! melhor, quase nada. Só duas presenças amigas e cheias de perseverança: a assinante 17022 com 40\$00 e uma funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques com metade. Distribuimos, em dinheiro, pelos Pobres, 400\$00 por quinzena!... Nunca, como agora, andámos tão esquecidos e tão no mó de baixo!... Quem acode? Quem? Esperamos, na volta, muitas presenças! Nós temos necessidade de suavizar o gemido dos Pobres. E de amenizar, também, os desabafos — santos desabafos! — de todos e cada um dos Vicentinos. Que Deus dê força e perseverança para tão santa insatisfação — selo divino em todos e cada um dos recoveiros dos Pobres.

P. S. — Já estava a crónica na máquina de compôr. Ainda não tinha visto a luz do dia! E, como em resposta à nossa aflição, somos mimoseados com esta simpática presença da Invicta:

«Com os meus cumprimentos e desejos de boa saúde para si e toda a grande família da Casa do Gaiato. Envio-lhe esses 20 escudos para os Pobres da Conferência.

É por alma do vosso e nosso Padre Américo: sempre tão querido e saudoso!

É de pobre, para os pobres. Que Deus melhore a minha triste situação. De uma Leonora.

Reparem: «É de pobre, para os pobres». Mais; é do Porto! Será o Porto a levantar um dedo tomando à sua conta os 400\$00 que, todas as quinzenas, a gente distribui pelos nossos Pobres? Quem sabe!

Júlio Mendes

Uma comedela

Eu entendo pouco disto, mas cheira-me a que sim. Depois de todas as medidas tomadas para a unificação do espaço português, eu não percebo nada de como é que a gente recebe um cheque ultramarino de X e vai recebê-lo e só nos dão X — x, sendo este x um desconto qualquer que nem nos explicam bem o que é.

Ora se o cheque diz que é mil, é mil. Se prórs mil aqui fôr preciso lá dar mil e tanto — parece mais razoável.

Mas o pior é que vem um cheque com uma transferência de fundos e anexa uma conta com mais tantos por cento para isto e tantos para aquilo, mais tantos para aqueloutro... E a gente julga que este já pagou tudo; que ao fim e ao cabo se vai receber a massinha que lá diz. Pois não senhor, ainda há mais umas alca-valas.

Ora se isto não é comedela, cheira!

Mais um casamento

Campanha de assinaturas



O Joaquim Ferreira Mendes e sua Esposa.

DO MINHO AO ALGARVE

grupo de assinaturas pagas. São todas de Águas de Moura (bela terra que o «O Gaiato» ajuda a cristianizar)».

Depois, temos numa série de pendões: É Fornos (Castelo de Paiva), Felgueiras, Viseu (um bocadinho destacada, graças a «Belém...»), Macieira de Sarnes, Seminário da Guarda (venham todos os Seminários do continente e Ultramar!), Ovar, Santiago de Cacém e Linda a Velha com esta simpática legenda:

«Fernanda, Ernesto & C.^a por vale do correio enviam 30\$00 para pagamento da assinatura e pedem imensa desculpa; para compensar aí vai mais um assinante dos bons católicos».

Ó delicadeza!

Atenção à Damaia:

«Tomo a liberdade de me dirigir a V. afim de lhe solicitar o favor de me inscrever como assinante do vosso jornal, desde o n.º 496, inclusivé. Faça este pedido para desejar perpetuar a memória de um filho muito querido, que Deus nosso Senhor entendeu por bem chamá-lo à Sua Divina Presença».

Nós, os cristãos, devíamos falar e agir sempre assim. Mas não. Sobreponemos a carne ao Espírito!...

Abre a coluna o nosso Sr. P.e Acílio de Setubal com um magote de novos assinantes e «um

grupo de assinaturas pagas. São todas de Águas de Moura (bela terra que o «O Gaiato» ajuda a cristianizar)».

Depois, temos numa série de pendões: É Fornos (Castelo de Paiva), Felgueiras, Viseu (um bocadinho destacada, graças a «Belém...»), Macieira de Sarnes, Seminário da Guarda (venham todos os Seminários do continente e Ultramar!), Ovar, Santiago de Cacém e Linda a Velha com esta simpática legenda:

«Fernanda, Ernesto & C.^a por vale do correio enviam 30\$00 para pagamento da assinatura e pedem imensa desculpa; para compensar aí vai mais um assinante dos bons católicos».

Ó delicadeza!

Atenção à Damaia:

«Tomo a liberdade de me dirigir a V. afim de lhe solicitar o favor de me inscrever como assinante do vosso jornal, desde o n.º 496, inclusivé. Faça este pedido para desejar perpetuar a memória de um filho muito querido, que Deus nosso Senhor entendeu por bem chamá-lo à Sua Divina Presença».

Nós, os cristãos, devíamos falar e agir sempre assim. Mas não. Sobreponemos a carne ao Espírito!...

O desfile continua. Presenças de Loures, Ilhavo, Capitania do porto de Leixões (retribuimos o abraço e esperamos nova colheita), Póvoa de Varzim, Deveza (Silva Escura — Maia), Albergaria a Nova, Negrelos, Braga (nós temos interesse na presença de muitos bracarenses!) e mais gente fresca de Santa Comba Dão! Ora vejam, senhoras e senhores, como o fogo lava em Santa Comba por mor da chispa lançada na Escola Secundária e assinalada em o número anterior!

Mais uma legenda:

«Em véspera da Páscoa do Senhor e por «Ele» mesmo, resolvo fazer uma assinatura do jornal «O Gaiato». É sempre com profunda emoção que compro e leio o vosso jornal».

Como conimbricence que sou, admiro e venero a figura que foi o Pai Américo, pois de perto o conheci.

Pego a esmola duma Avé-Maria por uma intenção muito especial.

P. S. — Caso fosse possível, gostaria de pagar o jornal mensalmente».

Repetimos as condições do «Famoso»: o assinante paga quando, quanto, como e se puder. O mais importante, o essencial, é ler, reler, trejer, saborear e viver o «Famoso». O resto... vem por acréscimo.

Agora notícias do Fundão.

É uma consciencia delicada — e muito amiga:

«Inscrevam como assinante meu pai».

E mandem-me nota do débito de todas estas assinaturas, pois tenho-me portado muito mal convosco. Creio que a assinatura é 30\$00 por ano. É favor dizerem-me tudo isso para lhes mandar o dinheiro pois dever-lhes assinatura, pesa-me um bocado na consciencia e como sou pouco diligente pedia-lhes o favor dum postal (basta um) a fim de me poder pôr em paz convosco».

O nosso correio vem pejado de legendas assim, — cheias de amor! — diferentes na forma, mas iguais no conteúdo.

Por isso mesmo, quanto mais as lemos e saboreamos — mais amor lhes temos.

Ainda fica um sem número de gente acotovelada, aguardando espaço conveniente! Vamos a ver se pode sair quase tudo prá rua na próxima quinzena. Até lá, «boa colheita» — e boa disposição.

Júlio Mendes



canto, devidamente classificados, à espera de ocasião, afim de irem parar às mãos dos seus derradeiros donos.

O «Morris» estava à porta. Calhou mesmo bem este ter ficado para o dia seguinte.

Chico dos Teares e eu tomámos-lo e eis-nos a caminho da Ribeira. De tarde, rodou para os lados da Arrábida. No Bairro «D. Leonor» também há muita mãe com falta de pão para os filhos. E fui lá mais por um dos nossos, que há anos fugiu e que a família achou muito bem e hoje nem cama tem para dormir. As simples tábuas do soalho são o seu colchão. O que ele come muitas vezes, são as côdeas de uma outra nossa socorrida que trabalha e passa pelo Lar frequentemente. Agora o «Fagulha» já tem bastante idade. Não completou a instrução primária. Em suma: deve ser um rapaz falhado. A não ser que reaja heróicamente.

Era bom que todos os que estão dentro das nossas portas meditassem bem e bastante neste e em muitos outros casos. Nós só damos pelo bem que temos quando o perdemos. Tenhamos confiança naqueles que nos guiam. «Duvidar é recuar».

Em plena Praça da Ribeira, tomámos os embrulhos mais o saco de roupa que leváva-

Continuação da PRIMEIRA pág.

mos e embrenhámo-nos no labirinto.

Ultimamente tem sido assim, sacos às costas e «para a frente é que é o caminho». «Quem tem vergonha fica em casa». Na visita anterior fui com o Alberto de Almeida. Desta, fomos nós os dois.

Levámos muita roupa e distribuímo-la com muito amor, mas já tinha mais alguma que, também com muito amor, tem chegado cá «para os Pobres do Barredo».

São assim as contas do Todo Poderoso. Quanto mais damos, mais recebemos. E com este bem, a nossa Obra tem andado para a frente. É que se não formos tirando das prateleiras, às tantas, já lá não cabe mais nada.

Eram 10 da manhã. Como algumas outras vezes, quedei, mais o meu companheiro à procura do número da porta. A entrevada da Rua de Baixo lá estava na sua agonia. E pelo que observei a filha não a trata como deve ser! Tenho que passar por lá mais vezes para verificar a realidade. Ela só tinha um lençol. Deixei outro, exigindo à neta que o pusesse no leito. Esta está muito doente. Quando lá entro estou sempre à espera de uma triste resposta: «já morreu».

Desta vez assim aconteceu. Da anterior visita a esta foram 3 heróis para o seio do Senhor. A miséria gera a morte. Daí o entrar nas portas e esperar uma resposta triste.

Mas triste, apenas humanamente. Porque a nossa alma está confiante nos sofrimentos daqueles que visitamos. São mais santos a pedir no Céu pela nossa Obra. «Os Pobres serão as nossas melhores testemunhas no Juízo Final».

O saco foi esvasiando e o pouco dinheiro que havia foi desaparecendo.

O genro da senhora Brinquinha (falecida) lá estava junto dos seus seis filhos. Só lhe levei umas roupinhas. Ele tem andado contente. Tem um emprego que lhe permite o pão dos filhos.

O senhor Dionísio é que não tem outro meio de viver, se não de esmolas. A notita que lhe caiu nas mãos, fez-lhe brotar lágrimas abundantes. Ele e sua inseparável companheira são dois velhinhos de oitenta e tantos anos. Quando ele era novo trabalhava no rio. Agora «não posso erguer uma palheira». Naquela noite já dormiram numa cama com lençóis lavados, depois de comerem uma sopinha bem quente embora aquecida. «Com este dinheirinho vamos fazer já uma sopinha para agora e para logo cearmos».

Aquela família cujo pai saía de casa por não ter que dar aos filhos, também tem ficado muito feliz com a esmola mais avultada que lhes tenho levado por mando de

Peregrinações

Esta da Cruzada de Bem Fazer de Viana do Castelo começa a enraizar na tradição.

Foi hoje a quinta vez, num dia desabrido de chuva como é raro em Junho.

um senhor de Lisboa que só duma vez enviou 650\$00.

«São para aquela mãe que não aceita esmola quando o marido trabalha e para o pai que foge de casa por não ter que dar aos filhos — resolver aquilo de que não preciso hoje, embora possa fazer falta aos meus «amanhãs», se a Providência do Pai houver por bem prová-los».

Como este nosso amigo, muitas outras pessoas nos enviaram «para os Pobres do Barredo», os seus óculos: Não costume fazê-lo, mas desta vez somei e foram mais de cinco contos que vieram para alívio dos nossos irmãos.

Fernando Dias

